



## CONSTRUÇÃO DO MASCULINO:

## INTERSEÇÕES ENTRE RELIGIÃO E O DIREITO DE SER

*Construction of the masculine: intersections between religion and the right to be*

João Victor Mendes Carvalho\*  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
DOI: 10.29327/256659.15.3-24

### RESUMO:

Este trabalho tem o objetivo de compreender a relação entre a religião evangélica e a construção do gênero a partir da produção e da difusão de discursos sobre a masculinidade. Com foco na Igreja da Lagoinha, a coleta e a análise dos dados foram feitas a partir de observação participante e pesquisa em fontes secundárias. Analisa-se, dessa forma, como o discurso oficial elabora e institucionaliza definições do ser homem. Embora os dados tenham mostrado uma preocupação das lideranças evangélicas em encorajar o desenvolvimento de valores como o senso de responsabilidade, provisão, cuidado e educação dos filhos, a concepção engessada de uma masculinidade hegemônica mina a pluralidade de experiências, e restringe o desenvolvimento de identidades masculinas que levem em consideração os direitos e as liberdades individuais.

**Palavras-chave:** Religião evangélica; Discurso; Gênero, Masculinidade; Lagoinha.

---

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Sociologia e graduado em Licenciatura em Ciências Sociais, ambos pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista FAPEMIG. E-mail: [jotavictorfd12@gmail.com](mailto:jotavictorfd12@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

A presença do discurso religioso cristão na cena pública vem ganhando cada vez mais destaque. Nos últimos anos, chamou considerável atenção o apoio cristão evangélico à campanha presidencial de Jair Bolsonaro, em 2018, que sob o slogan: “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”, propagandeou um governo de mãos dadas com a religião. Não obstante, quando eleito, Bolsonaro nomeou líderes religiosos a cargos ministeriais como, por exemplo, o pastor André Mendonça ao Supremo Tribunal Federal (STF), mediante a prerrogativa de este ser um ministro “terrivelmente evangélico”, e a pastora Damares Alves que, ao tomar posse do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, declarou: “É uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa”, num evidente reforço de regular padrões de gênero durante o seu mandato.

Parte-se do pressuposto de que os conceitos, a estrutura organizacional, as redes de afetos e os códigos de condutas que permeiam a prática religiosa são generificados (Dawley; Thornton, 2018), portanto, discutir a questão da masculinidade demonstra sua importância na medida em que a abordagem desvela sobre as desigualdades sociais. O gênero se constitui como “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott 1995, p. 86) e, uma vez que esse poder se exerce em rede e que é nas relações sociais que o gênero se constitui (Louro, 1997), voltar a atenção aos homens, procurando entender a organização social das masculinidades também implica desmistificar a condição social das mulheres.

Tais fatos atestam que, para se conhecer o Brasil hoje em termos de gênero e das relações de poder que este estabelece, é imprescindível um entendimento sobre o fenômeno religioso. A religião cristã, que perfaz quase 90% da população, como visto pela fala de Damares Alves, é uma potente tecnologia de gênero (Lauretis, 1987). A religião pode marcar a trajetória dos indivíduos de maneira substantiva, participando do processo de construção e manutenção das identidades dos sujeitos. Pode ainda engendrar discursos que estruturam o pensamento social acerca das definições de gênero.

Em 1996, Cecília Mariz e Maria das Dores Campos Machado, em seu artigo *Pentecostalismo e a redefinição do feminino*, abordaram aspectos que envolviam a transformação dos homens no contexto pentecostal. Um dos principais pontos tratados foi a domes-

ticação dos homens, que demandava a contenção de comportamentos considerados lesivos, como violência, alcoolismo e abandono familiar, e a adoção de características como docilidade, humildade e generosidade. Tal mudança acarretava em um redirecionamento do foco e recursos financeiros dos homens para o âmbito familiar, promovendo um papel mais responsivo com o núcleo parental. Nesse sentido, as autoras demonstraram que embora a religião pentecostal não entrasse diretamente em conflito com os valores patriarcais, ela contribuiu para remodelar as relações de gênero, ao incentivar os homens a adotar posturas concernentes ao “novo ethos familiar” promovido pela comunidade de fé (Mariz;Machado, 1996).

Dois anos depois, em 1998, Clara Mafra analisou a percepção da literatura especializada em torno das relações de gênero entre evangélicos, destacando a participação dos homens na esfera doméstica e religiosa. A autora reconhece que os segmentos religiosos, ao estimularem um maior engajamento dos homens nesses espaços, promovem uma mudança comportamental que se distancia do machismo ibero-americano. No entanto, considera também que o discurso religioso endossa uma moralidade tradicional, baseada na autoridade patriarcal. Portanto, do ponto de vista de Mafra, o que se percebe é que as representações de gênero no contexto evangélico correspondem a um espectro que abrange desde posturas mais igualitárias entre os sujeitos, até concepções conservadoras que reforçam as assimetrias de gênero (Mafra, 1998).

Em 2002, Márcia Couto também trouxe um aporte interessante para pensar os homens no cenário da fé evangélica. Em seu artigo *Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos*, ela observou que, diferentemente das mulheres, os homens buscam a religião em menor escala, frequentemente mobilizados pela influência de suas esposas. Para eles, a conversão está ligada à necessidade de resolver questões práticas relacionadas a seus estilos de vida, como problemas com adultério, alcoolismo e desemprego, encontrando na fé evangélica uma forma de superar comportamentos considerados nocivos e assumir maior responsabilidade familiar. Apesar disso, Couto aponta que essa metamorfose não desafia os valores patriarcais mais amplos da sociedade, mas opera dentro de uma lógica ambivalente que combina elementos de modernidade e tradição. Ao passo em que a religião oferece resoluções para conflitos cotidia-

nos e ajuda a reconfigurar os papéis masculinos em contextos específicos, mantém intocadas estruturas tradicionais de poder e autoridade masculina.

Explorar a construção e a performatividade das masculinidades em espaços de circulação do poder e produção de hierarquias como o religioso, onde, no geral, predomina uma narrativa de preservação do conservadorismo e manutenção de um modelo hegemônico de gênero (Silva R., 2023), é condição *sine qua non* para se compreender o papel de homens e mulheres na sociedade contemporânea. Principalmente quando o momento atual converge com a atuação efervescente de grupos masculinistas<sup>1</sup> associados à crescente radicalização da extrema direita no país, pautados por uma ideologia patriarcal e misógina (Silva B., 2023). Apesar de ainda não ser possível falar de uma relação direta entre religião e masculinismos no Brasil, dado que os dois fenômenos são muito complexos, torna-se imperativo refletir o posicionamento da religião diante dessas questões, seja para diferenciar-se desse tipo de narrativa ou para corroborá-la.

Debbie Ging (2017) já havia chamado a atenção para o surgimento de grupos masculinistas que começaram a se disseminar em várias partes do mundo, concentrando-se em ambientes virtuais que se popularizaram como “machosfera”. Ela parte do pressuposto de que as interações on-line têm concedido nova tônica às ações de direitos dos homens, com mobilizações marcadas por discursos de ódio contra as mulheres, promoção do racismo, da homofobia e da pornografia. O marco das reflexões de Ging consiste em mostrar como a machosfera, mesmo sendo um espaço ocupado por diferentes grupos ideológicos muitas vezes contraditórios entre si (alfas e betas, heteros e gays, cristãos e ateus), é capaz de agregá-los em torno de um objetivo comum: a supressão do feminismo e a manutenção da masculinidade hegemônica.

Em 2023, Ferreira e Rêses levantaram Projetos de Leis (PLs) que buscam implementar o dia do orgulho heterossexual no Brasil, com o objetivo de compreender as ideologias e valores neles embutidos. Por meio de uma análise de conteúdo das justificativas dos referidos PLs, os pesquisadores constataram que, para os autores dos projetos, a instauração

---

<sup>1</sup> De acordo com Silva (2023), trata-se de sujeitos misóginos, que reproduzem discursos e práticas de ódio contra mulheres e outras minorias, como a comunidade LBBTQIA+ e pessoas negras, pautados na defesa da supremacia masculina nas esferas sociais.

da data comemorativa pauta-se na defesa da família tradicional, dos valores morais e religiosos, e na suposta ameaça à heterossexualidade. Os autores partem da premissa de que “as políticas de promoção de direitos das pessoas LGBTQIA+<sup>2</sup> são interpretadas pelos grupos conservadores como uma afronta à heteronormatividade e à chamada ordem natural e divina dos papéis e padrões sexuais” (Ferreira; Rêses, 2023, p. 5).

Os pesquisadores demonstram como os avanços das minorias sexuais têm desencadeado uma onda reacionária de grupos conservadores, masculinistas e fundamentalistas religiosos, cooptado pela extrema direita, sob a premissa de amor à nação, apego à fé e valorização da tradição. Para os autores, a tramitação desses PLs inscreve o Brasil em um movimento internacional antagônico aos direitos das mulheres e da comunidade LGBTQIA+. O fato representaria um retrocesso, uma vez que o conceito de orgulho é distorcido, e os argumentos de base religiosa ferem a laicidade do Estado na promoção de igualdade para todos.

No contexto religioso, propriamente dito, Nina Rosas (2024), analisou a relação entre evangélicos, mídia e política, a partir da atuação do pastor André Valadão. Tendo como foco as pregações e aparições nas redes sociais do principal líder da Igreja da Lagoinha durante o mês do Orgulho LGBTQIA+ em 2023, Rosas (2024, p. 03) demonstrou que as mensagens de Valadão propagam “sentimentos de ódio, repugnância e desqualificação das dissidências sexuais e de gênero”. Além disso, a autora identificou na narrativa de Valadão críticas à transexualidade, descriminalização do aborto e educação sexual nas escolas, pautado na defesa da família tradicional e na manutenção da autoridade patriarcal.

Diante desse cenário, a presente investigação tem o objetivo de compreender como se dá a institucionalização de identidades masculinas na religião evangélica, em face dos discursos por ela emitidos. Assim como no caso de Rosas, esta pesquisa volta-se ao contexto da Igreja Batista da Lagoinha (IBL), atualmente chamada de Lagoinha Global. Esta foi escolhida por se constituir como um laboratório de investimento na constituição das identidades de gênero, tratando-se de uma amostra valiosa do modo como evangélicos constroem e/ou reforçam um sistema de gênero no país.

---

<sup>2</sup> Apesar das inúmeras variações que sofreu, a sigla empregada se refere às Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, *Queer*, Intersexo, Assexuados e demais sexualidades.

## PERCURSOS METODOLÓGICOS

Este trabalho se propõe a compreender processos sociais a partir da identificação de discursos, como eles são produzidos, como entram em circulação e como são postos em prática. Caracteriza-se, assim, pelo emprego de técnicas padronizadas de coleta de dados, possibilitando não só identificar a existência de relações entre as variáveis, mas a natureza dessas relações (Gil, 2002). A partir de pesquisa de campo na Lagoinha, o material analisado é composto por sete cultos mensais de homens (Maximus), um *workshop* de gênero e sexualidade, e um curso completo de homens com 10 encontros. Com esse itinerário foi possível conhecer os integrantes do ministério, inserir-me nas redes de contato, compreender como os cursos estão estruturados e acessar o conteúdo que é ensinado.

Outrossim, foi realizada uma pesquisa na internet com o objetivo de mapear o conteúdo oficial, disseminado pela instituição no que concerne aos homens e à masculinidade. Nesse sentido, o YouTube foi utilizado como o instrumento que permitiu complementar o material levantado com o acesso a vídeos de cultos e eventos realizados pela Lagoinha que não foram acompanhados pelo pesquisador. Esse é o caso da mensagem intitulada “A jornada da masculinidade”, ministrada pelo pastor Luciano Barreto, conhecido como Lucinho, em um culto de celebração em homenagem ao Dia dos Pais, em 2022.

Os dados foram coletados entre março e novembro de 2023 e sistematizados por meio de codificação e análise temática. Essa técnica é entendida como “uma estratégia de redução e análise de dados, por meio da qual os dados qualitativos são segmentados, categorizados, resumidos e reconstruídos, de uma forma que captura os conceitos importantes dentro do conjunto de dados” (Ayres, 2008, p. 867, tradução livre). Para a interpretação dos dados, os estudos pós-estruturalistas e culturais de gênero foram mobilizados como matriz teórica, buscando identificar as nuances do discurso religioso, as ideias, as categorias ou noções acionadas para se referir à masculinidade.

De forma geral, a tônica dos cultos e eventos incide sobre o resgate de uma masculinidade supostamente perdida, reivindicando o protagonismo dos homens em todos os setores. Apelos por uma transformação de vida através da adoção de práticas de arrependimento são constantes. A temática da sexualidade e da libertação de vícios é tratada abertamente, além de um incentivo ao exercício do poder e da dominação na chefia do lar,

no mercado de trabalho e na sociedade. Não obstante, predomina também uma conscientização acerca da cooperação dos homens nas atividades domésticas e na educação dos filhos, e incentiva-se uma maior empatia com as esposas. A análise do material permitiu o agrupamento das categorias que se seguem.

## O SER HOMEM

O primeiro ponto a ser mencionado e que não consiste em nenhuma novidade, posto que já é apontado pela literatura especializada (Lemos 2007 e 2008; Ecco, 2007, 2008), é que as representações sociais da masculinidade no contexto religioso são concebidas e legitimadas a partir do mito da criação. O relato do livro bíblico de Gênesis esteve presente em quase todos os contextos analisados, demonstrando como essa narrativa ainda vigora no imaginário religioso como um forte dispositivo que legitima os papéis de gênero.

Durante o Curso de Homens, por exemplo, o pastor Rodrigo Silva indagou: “Qual o papel bíblico do homem? Cultivar, guardar e proteger. Isso é um senso do brasileiro, trabalhar e cuidar bem da sua família, A gente acha que proteger é pagar contas. Proteger é discernir as ameaças que a sua família corre” (caderno de campo, 21/09/2023). Para eles, assim como Deus formou Adão do pó da terra e o colocou no Jardim do Éden para cultivá-lo, guardá-lo e protegê-lo, é tarefa do homem fazer o mesmo com o jardim da sua família, do seu trabalho, da sua igreja, da sociedade.

Mas se Deus atribuiu todas essas funções ao homem, então, isso implica o entendimento de que Deus deu para Adão um trabalho. Este último é extremamente importante porque é através dele que o homem traz o sustento para o lar. Cultivar a família significa, assim, suprir suas necessidades, logo, ser homem é ser provedor. Essa foi uma ideia frequentemente endossada e que pode ser vista na fala do pastor Isaias Fernandes durante o culto “Amor e violência”:

Deus te deu a força pra quê? Pra que do suor do seu trabalho você resolva o problema da provisão, porque agora a terra vai produzir espinhos, agora o trabalho não vai ser agradável, então você tem essa força pra resolver esse problema. O homem, todos os dias, tem que acordar pela manhã e usar essa energia que ele tem pra trazer a provisão pra casa. Ele sai de casa, ele mata o animal, ele coloca o animal nas costas e ele traz o animal pra alimentar toda a sua família. Deus deu pro homem três pontos de energia: o homem precisa cuidar primeiro da família, ele é

o responsável pela proteção e provisão da família. O segundo é a espiritualidade, ele é o responsável pela provisão espiritual e pelo cuidado espiritual. E o terceiro é a provisão, ele tem que trazer a provisão (caderno de campo, 19/06/2023).

Nesse sentido, outro atributo da masculinidade na visão da liderança é que ser homem consiste em se sacrificar. Durante a mensagem “Homem fiel”, no culto Maximus, o pastor Flaviano Marques falou sobre a rotina cansativa como pastor da Lagoinha Sede e pai de família, saindo cedo de casa, chegando tarde, e ainda tendo que ajudar no cuidado dos filhos (Marques é pai de quatro crianças e sua esposa também é pastora da Lagoinha; ambos são brancos, de classe média, sendo a esposa pertencente a uma família tradicional da igreja, que também está à frente de outros ministérios). Direcionando sua fala aos homens, ele afirma: “Se tiver o quarto turno, o quinto turno, você quer proteger sua família, você se sacrifica, você dorme cansado, você dorme menos, mas o orgulho não encontra espaço em você. Você faz o que for preciso” (caderno de campo, 17/04/2023).

Segundo as pregações, essa é a razão pela qual Deus dotou o homem de força: para que ele possa realizar todas as suas demandas, ainda que para isso tenha que abrir mão de seu bem-estar. Portanto, as análises demonstram que as definições relacionadas ao ser homem pairam sobre uma determinação divina de que os homens devem dominar, cuidar, dar proteção, prover a família e sacrificar-se por ela, tendo como prerrogativa o uso da força física.

## **AUTORIDADE E LIDERANÇA**

Essa categoria abrange concepções relativas ao exercício do poder pelos homens, sobre a ocupação de posição de comando em setores como a família, a igreja e a sociedade. O primeiro aspecto a ser mencionado quanto a isso é a percepção dos líderes de que a autoridade é um atributo dado por Deus aos homens. No culto Maximus “O homem do século XXI”, o pastor Richarde Guerra fez uma dinâmica de pregação na qual portava uma mochila cheia de objetos e chamava um homem por vez para retirar um item e fazer uma reflexão sobre o objeto escolhido. Um homem subiu ao altar e retirou uma coroa de brinquedo da mochila. Quando questionado sobre o que o objeto simbolizava, ele respondeu que o ape-



trecho remetia à honraria, à autoridade. Com isso, o pastor Richarde Guerra explicou que Deus conferiu autoridade aos homens no mundo espiritual. Ele disse:

Você que é casado, né, uma das coisas que você tem é governar bem a sua casa. Você é uma autoridade na vida da sua esposa, na vida dos seus filhos, no seu ambiente de trabalho, você é um embaixador de Cristo. (...) Então, se você quer sobreviver no século XXI, não abra mão daquilo que Deus te deu enquanto homem, que foi a autoridade (caderno de campo, 21/08/2023).

Essa percepção fica mais evidente quando se trata do contexto doméstico. Durante o Curso de Homens, enquanto explicava sobre a autoridade no lar, o pastor Alexandre declarou: “O homem sendo o cabeça sempre será o líder? Não. O que precisa ficar claro é que mesmo que a mulher tenha habilidades e talentos que o homem não possua, ela não pode deixar de reconhecer a autoridade do marido” (caderno de campo, 14/09/2023). Identifica-se assim a defesa de que o homem sempre será autoridade sobre a mulher, mesmo que ela seja mais habilidosa, popular ou ganhe mais dinheiro do que ele, porque Deus instituiu a posição de comando ao homem. A autoridade, segundo os preletores, foi dada por Deus a ele, e não a ela, Deus quis assim. Percebe-se como os papéis de gênero e as desigualdades na instituição familiar são legitimadas e escamoteadas por um padrão que foi estabelecido por Deus e, portanto, deve ser respeitado como um preceito divino, inquestionável, inviolável.

O segundo aspecto a ser apontado é que há a defesa de que o homem exerce autoridade quando ele se posiciona. Nesse sentido, a categoria “posicionamento” é central nos discursos para incentivar o engajamento masculino nos diversos âmbitos, como se pode notar na fala do pastor Eduardo Queiroz no primeiro dia do Curso de Homens. Ele diz: “É preciso haver uma metanoia, uma mudança de pensamento, para gerenciar aquilo que Deus nos deu para cuidar. Assumir sua postura, assumir seu lugar na empresa, posicionar-se diante da sua mulher” (caderno de campo, 03/08/2023). Segundo ele, o resultado disso é que “quando homens se posicionam diante de Deus, Deus provoca uma mudança social, uma mudança moral, uma mudança cultural” (caderno de campo, 15/05/2023). Ou seja, acredita-se que, quando os homens lideram, a ordem é estabelecida.

## SEXUALIDADE E CONJUGALIDADE

No que tange à sexualidade, a condenação da pornografia e da masturbação foi, sem dúvidas, o ponto mais tocado, aparecendo na quase totalidade do material analisado, seja de maneira enfática ou mais esparsamente. No período em que acontecia a nona lição do Curso de Homens, o pastor André Valadão postava nas redes sociais uma série de vídeos sobre pornografia, e o pastor Marcos aproveitou a repercussão para falar sobre imoralidade sexual. Na ocasião ele disse:

A pornografia hoje está dentro da igreja, a porcentagem é algo absurdo. Eu não lembro dos dados que o pastor André falou, mas ele disse que a cada cinco celulares dentro da igreja, pelo menos um é usado para vícios. A pornografia tá inserida num contexto muito forte. (...) Quando você peca assistindo um vídeo, você ora pelo amor de Deus pra sua mulher não ver porque sabe que vai dar problema. Mas e Deus? Ele está vendo. Deus fez o sexo para o casamento, pra você amar sua esposa. Agora tem coisas que você vê fora e quer fazer com a sua esposa, que jurou amor eterno, cuidar dela. Aí você vai fazer sexo anal com ela, vai dar tapa na cara dela, me perdoe a palavra que eu vou usar, igual a vagabunda que você viu? A nossa alma vai se enchendo de coisas boas ou ruins, aí você passa o dia fora, chega em casa e quer tratar a mãe dos seus filhos, sua esposa, como aquela que estava com dois, três homens. Pensem nisso. Quando você vai fazer amor com sua esposa, você quer que ela gema, grite igual no vídeo que você viu (caderno de campo, 26/10/2023).

O assunto parecia interessar muito aos alunos, pois todos acompanhavam atentamente as palavras do pastor Marcos, de forma que um silêncio ensurdecido pairava sobre a sala. Como se vê, a exposição à pornografia é condenada porque incentiva os homens a reproduzir o conteúdo considerado imoral dentro do casamento. De acordo com o fragmento, vemos uma regulação das práticas sexuais através da interdição do sexo anal e de expressões de prazer, como gemer e dar tapas.

No caso do pastor Eduardo Queiroz, ele contou que sua iniciação na pornografia se deu por um motivo muito particular. Durante a abertura do Curso de Homens, ele relatou que seu pai já era da igreja, mas tinha medo de que ele fosse homossexual, então, o sentou na frente da televisão e lhe apresentou a pornografia, dizendo que homem tinha que gostar daquilo, de mulher. Ele enfatizou que passou anos da sua vida preso nesse tipo de conteúdo e usando como justificativa a atitude do pai. Ou seja, ainda que o consumo de

pornografia fosse interdito pela religião, para o pai, seu uso era justificado pela necessidade de reforçar, “estimular” a heterossexualidade no filho. A situação revela, assim, o quanto masculinidades dissidentes, como homens gays, são consideradas um estigma, tratadas como indesejadas, um desvio da norma.

Tal colocação é percebida nas palavras do pastor Antônio Pontes, quando, na última aula do Curso de Homens, ele fala esbravejando que:

A galerinha tá frouxa, pondo brinquinho, vestindo sainha. Que troço é esse que não sei identificar se é homem, se é mulher? É o diabo mentindo. O homem diz que quer ser mulher, a mulher chega e diz que não quer ser mulher, quer ser homem. Não! Deus fez homem e mulher. Nós temos que dizer: “Meu irmão, você é macho, você é homem. Não tem essa não, não tem cor de rosa, não, você é macho e vai fazer as coisas de homem, deixa coisas de menina para as mulheres”. E isso requer coragem, encarar o medo e vencer os desafios (caderno de campo, 09/11/2023).

Essa narrativa tem como pano de fundo a ideia de uma corrosão dos princípios tradicionais, de que a construção de novas identidades de gênero e formas de dar vazão às experiências sexuais e dispositivos de prazer é resultado de uma inversão de valores na sociedade. As palavras do pastor Rodrigo Silva, durante o Curso de Homens exemplificam: “Hoje a gente tá vivendo muitas mudanças na moral: ‘homossexualismo’, ‘lesbianismo’, pornografia, prostituição, adultério, imoralidade, e, às vezes, nós pecamos, cedemos, participamos disso” (caderno de campo, 21/09/2023).

## **ORGANIZAÇÃO FAMILIAR**

Esta dimensão procurou dar conta de questões concernentes à chefia do lar, afazeres domésticos, relação marido-mulher e educação dos filhos. Primeiramente, a definição do papel do homem sob a alcunha de “sacerdote do lar” ainda é lugar comum no discurso religioso. A referência a essa concepção surge na fala do pastor Rodrigo Silva quando afirma:

Qual o papel do sacerdote? Ensinar, proteger, direcionar sua família. Seus filhos nunca vão ouvir o que você fala. Para de falar e pratica. Coerência. Há coerência quando as notas de um violão se encaixam. Não há coerência quando você fala e não faz, as notas não se encaixam. A proposta é que você tenha mais autoridade sendo coerente (caderno de campo, 21/09/2023).

Essa representação do homem busca legitimar a sua posição como líder espiritual e dirigente da casa. Ser sacerdote implica exercer o domínio do núcleo parental, orquestrando as relações domésticas. Em que pese a participação da mulher, a função dela seria a de auxiliar o marido na gestão familiar, porém, ocupando um lugar inferior nessa relação de poder. Conforme o pastor Alexandre diz, no Curso de Homens:

Quem é a autoridade dentro da casa? O homem, numa autoridade baseada em Jesus. E quem é o líder da sua casa? Liderar tá ligado à habilidade de fazer algo. Às vezes, a sua esposa tem a habilidade de gerir as finanças da casa melhor que você, você é um zero à esquerda pra isso. Então, ela pode liderar a casa debaixo da sua autoridade. O que ela não pode fazer é administrar tudo e não te falar nada, comprar um guarda-roupa e de repente entregar na sua casa (caderno de campo, 14/09/2023).

Para ele, na tomada de decisão, o homem, como autoridade, deve assumir a dianteira e dar a voz de comando, não a mulher. Outro aspecto importante e que surge como um ponto de inflexão na literatura é quanto à divisão de tarefas domésticas. Ainda que essa seja uma atribuição socialmente relegada às mulheres, o discurso religioso observado advoga pela maior participação dos homens nos afazeres, como poder ser apreendido na fala do pastor Alexandre:

Às vezes, você só quer saber de trabalhar e não quer ajudar a cuidar dos filhos. Quer chegar em casa e acha que a mulher tem que estar na cama linda e cheirosa. Faz um teste, um dia que você estiver de folga, senta sua esposa no sofá, faz tudo que um lar precisa: lavar vasilha, lavar banheiro, colocar roupa pra lavar, cuidar de menino, ir no sacolão, fazer comida, e vê se, no final do dia, você dá conta (caderno de campo, 14/09/2023).

A liderança se propõe a conscientizar os homens acerca da necessidade de desenvolver mais empatia com as mulheres e a se colocar no lugar das esposas. Além disso, esse

incentivo à maior participação masculina no lar não se resume apenas às tarefas domésticas, mas à presença dos pais na educação dos filhos. Durante pregação no culto Maximus, o pastor Eduardo Queiroz tocou nesse assunto, denunciando a ausência paterna no cuidado com a prole:

Quantos aqui nunca oraram com seus filhos, nunca tiveram um momento de comunhão, de oração? Sabe o que é que Deus tá chamando a gente? Pra voltar, sabe pra quê? Pra esse lugar aonde a gente tem que ser modelado. Sabe quem são os modelos das famílias hoje? As mães, são as mães que têm sido modelos. Meninos aí, filhinhos de vocês mesmo querem ser como a mamãe, eles não querem ser como você, sabe por quê? [Apontando para o papel de suas anotações, ele fala:] Falta conteúdo, falta posição, falta coragem pra gente sair da zona de conforto” (caderno de campo, 15/05/2023).

A presença do pai no lar, então, é superestimada como um referencial para os filhos. Conforme Barreto, “a figura do pai, ela tem mais poder de mudança na vida da menina e do menino na questão ética, moral, espiritual, do que a mãe. A mãe é muito importante no cuidado, na gestão, na logística” (caderno de campo, 14/08/2022). Há, desse modo, um apelo para que os homens participem das atividades de cuidado do lar, sejam mais presentes na vida dos filhos e desenvolvam atenção às necessidades das esposas.

## **GUERRA CULTURAL**

Sob essa categoria, foram reunidos os conflitos com a esfera secular. Um primeiro aspecto a ser mencionado é justamente a tônica numa postura combativa, de guerra, caracterizada por um conservadorismo em relação aos valores do mundo. Nesse sentido, há no imaginário religioso uma ideia corrente de que os homens estão em guerra e, por isso, têm que lutar por suas famílias, pela igreja, pela sociedade. No culto Maximus que falava sobre “O preço da obediência”, o pastor Eduardo Queiroz enfatizou:

Deus quer que a gente se posicione como aqueles que vão levar a igreja pra frente, que vão cuidar dos nossos filhos, que vão apresentar pra eles um modelo saudável, não perfeito, mas saudável de homem. Sabe o que é que eles precisam? Olhar pra

you e falar assim: “Nãu, o papai sentou comigo e me contou isso, eu vou acreditar no meu pai e nãu nas mentiras que eles tãu contando lá na escola”. Que tem uma ideologia ali pregando muitas coisas, que entram na sua casa muito mais vezes do que você gasta com seus filhos. Eles sãu expostos a uma mídia desconstrutiva, eles sãu expostos a uma escola desconstrutiva, e você tá aí: “Nãu, eu vou levar meu filho domingo na igreja e tá tudo bem”. Entãu, Deus tá nos chamando pra um posicionamento, nós estamos em guerra. Fale assim: “Eu estou em guerra! [declarou com a mão levantada e a igreja repetiu]. Eu nãu vou baixar o meu escudo! Eu nãu vou baixar a minha espada! Eu me coloco na frente dessa guerra! Nãu pela minha vida, mas é pela minha família, por aqueles que eu amo, por aqueles que Deus delegou debaixo de mim, como meu cuidado!” Você e eu somos esses (caderno de campo, 20/03/2023).

Percebe-se, entãu, uma “guerra” declarada em virtude de determinados valores que entram em conflito com a moralidade religiosa. Tal qual o fragmento acima, o avanço de “ideologias desconstrutivas” é visto como uma ameaça às instituições tradicionais, como a família e a igreja, corrompendo os “bons costumes”. Assim posto, um segundo aspecto que surge como corolário deste é um pensamento antifeminista, porque se atribui ao feminismo a promoção dessa ideologia.

No culto Maximus sobre “O homem do século XXI”, um fiel, ao ser questionado sobre o porquê de achar que o homem atual estava com crise de identidade, respondeu: “O homem tem perdido a identidade por causa do feminismo, e aí vai. As mulheres querem se impor e o homem se diminui ao invés dele se colocar como autoridade, certo?”. (...) (...) O pastor Richard e Guerra acrescentou: “Entãu, o que acontece é que tá havendo uma desconstrução do papel do homem, e ele nãu tá sabendo mais onde se situar, onde se colocar” (caderno de campo, 21/08/2023). O movimento feminista, por questionar os padrões de gênero, é visto, assim, como a causa do declínio da autoridade patriarcal e da crise da identidade masculina.

Na segunda lição do Curso de Homens, o pastor Raimundo afirmou que “os homens nãu sabem mais identificar seu papel, assistindo a figurinha feminina liderar, o empoderamento feminino” (caderno de campo, 17/08/2023). Já o pastor Alison Lopes, atribuiu a ascensão social das mulheres a um erro dos próprios homens, considerando que:

Nós estamos vivendo numa sociedade em que tudo está tenso, tudo está embolado: financeiro, político, todos os setores, e ela está nessa situação por causa de nós homens. Durante muito tempo, nós fomos a sociedade patriarcal, mandávamos e

desmandávamos, mas já éramos omissos desde esse tempo. O feminismo que estamos vendo prevalecer no mundo é culpa nossa, daquilo que fizemos no passado. Nós tínhamos esse problema da forma de lidar com a nossa família, casa, filhos. A forma como o homem lidava com isso diminuía a mulher, diminuía o filho, era uma falha de omissão. A gente não cultivava o coração da esposa, dos filhos, a gente não guardava, não cuidava, e a gente achava que tava no controle. O feminismo é um band-aid que o diabo criou para curar um câncer da sociedade. (...) (...) A sociedade se tornou matriarcal, onde quem manda é a mulher (caderno de campo, 24/08/2023).

Um terceiro aspecto a ser discutido é que, juntamente com o pensamento antifeminista, identifica-se um posicionamento antigênero. Essa perspectiva pode ser mais bem observada na palestra “Homossexualidade infantil? Compreendendo a formação e desenvolvimento da sexualidade da criança e adolescente”, do psicólogo Mizael Silva, no *workshop* “Proteja Sua Família”. Em sua exposição, ele criticou estudiosos do gênero, como Kingsley Davis, Adrienne Germain, Shulamith Firestone e Judith Butler, afirmando que tais teóricos são agenciados por institutos de pesquisa, como *Rockefeller* e *Ford*, que pertencem a famílias poderosas, que financiam feministas e grupos negros com uma agenda contrária aos valores morais cristãos.

Mizael Silva argumentou que Davis é um demógrafo defensor do controle populacional por meio do aborto e do condicionamento clássico operante: famílias menores. Resaltou ainda que o feminismo advoga pela igualdade de gênero, desvalorizando a maternidade, por isso, Germain é a favor da dissolução da família. Nesse sentido, criticou a teórica, enfatizando que a mulher em casa é um estabilizador emocional na formação da criança e não simplesmente uma dona de casa. Quanto a Firestone, salientou que a pensadora é adepta da ideia de reengenharia social e a criticou, declarando que a base da ideologia do gênero é o discurso que desconstrói os conceitos-base da sociedade. Com relação à Butler, o psicólogo disse que ela propõe a concepção de mulher como uma construção social. Ele apresentou uma fala da estudiosa na qual ela afirma que é preciso “libertar a mulher da mulher”. Argumentou ainda que a fala possui uma contradição, pois se a mulher de fato não existe, mas consiste em uma construção, então, se retirar a mulher da mulher, no final, não sobra nada. De acordo com ele, a definição de Butler exclui as diferenças entre homens e mulheres, tomando ambos como iguais.

É importante atentar como a família, a maternidade e as definições heteronormativas de gênero são centrais no discurso de Mizael Silva. Ele defende que a teoria de gênero ou a chamada “ideologia de gênero” põe em risco a permanência de instituições tradicionais ao contestar ou mesmo desconstruir os padrões sociais. Para ele:

A ideologia de gênero, ou melhor dizendo, a ideologia da ausência de sexo é uma crença segundo a qual os dois sexos, masculino e feminino, são considerados construções culturais e sociais. Para a teoria de gênero, você não nasce nada, logo, pode ser tudo? A biologia não determina nada, mas sim seus afetos. No momento atual, a ideologia de gênero não é mais nem sobre sentir, agora é sobre obrigar você a reconhecer. O crime está em discordar (caderno de campo, 13/05/2023).

Para exemplificar problemas de transtorno de identidade corporal, Silva descreveu casos de pessoas que queriam viver com deficiência para atender seus afetos. Relatou o caso de uma jovem que já havia tentado sofrer vários acidentes propositalmente a fim de ficar parálitica e andar de cadeira de rodas, pois “sentia” que seria melhor viver assim. Citou o caso de outra jovem, que queria retirar o próprio braço porque “sentia” que seria uma pessoa melhor sem o membro do corpo. Com os exemplos, ele pretendia mostrar que:

Quem quer amputar uma parte do corpo tem transtorno e, portanto, deve ser tratado, mas quem quer fazer transição tem disforia de gênero. Quer retirar os seios, retirar o pênis, “Ah não, você não tem transtorno, você tem disforia”, e por conta disso, não pode ser medicado. Afinal, é o que você sente, e sentimento não pode ser invalidado, você sente, e ele é verdadeiro pra você. O problema é o sistema de saúde, o legislativo, o social ser regido pelo seu sentir (caderno de campo, 13/05/2023).

É interessante notar que há uma mobilização do discurso científico, nesse caso, da Psicologia, para reforçar uma moralidade cristã acerca de valores conservadores relacionados à preservação da família tradicional e para justificar o enquadramento de pessoas transexuais como doentes. Quando Mizael Silva defende que transexualidade é um transtorno e, portanto, deve ser tratada e medicada, se presume que são as pessoas que necessitam de uma “cura”.

Para além das questões de gênero, um quarto aspecto a ser salientando refere-se a um conservadorismo político, alinhado a uma agenda de direita. Em sua pregação sobre “A jornada da masculinidade”, o pastor Luciano Barreto destacou as diferentes fases da vida



de um homem e, enquanto falava da “fase do guerreiro” (que consistiria no momento em que o jovem começa a planejar seu futuro e a se engajar politicamente), ele acentuou:

Esse ano tem copa do mundo, gente, tem que surgir um guerreiro dentro de você. E esse ano tem eleição, a eleição mais importante da história do Brasil. Vocês tão ouvindo o que eu tô falando? Se nós não formos guerreiros, nós vamos ver o nosso país cair na mão de gente maldita. Sabe o que tem que levantar? Homem! Homem que não tem medo de nada, guerreiro.(...) “Pai, tô indo”. “Aonde você tá indo, meu filho?”. “Vai ter uma mobilização da marcha contra o aborto e eu tô indo lá pra marcha”. “Vai” (caderno de campo, 14/08/2022).

A orientação política se torna mais evidente quando, durante o Curso de Homens, enquanto os *slides* da aula eram passados, o pastor Rodrigo Silva brincava com a transição de tela, fazendo referência aos partidos políticos: “Como diz o pastor, é sempre pra direita, nunca pra esquerda”. Ele levava todos da sala aos risos. Como se observa, a dimensão da guerra cultural se expressa num conservadorismo religioso e moral, assim como numa aproximação com a direita nacional, pautada na defesa das instituições tradicionais, na criminalização do aborto e na rejeição ao empoderamento feminino e aos direitos da população LGBTQIA+.

## **DO PONTO DE VISTA DA LITERATURA**

A lógica de construção binária das identidades de gênero, assentada em bases biológicas, fundamenta a compreensão social acerca das atribuições de papéis a homens e mulheres. Conforme essa visão, os caracteres naturais, como o destino anatômico, os cromossomos e os hormônios, são determinantes acionados para definir a posição dos sujeitos na ordem de gênero da sociedade. Tal perspectiva pode ser observada na narrativa religiosa analisada, com argumentos de que o homem é forte para prover e se sacrificar pela família, e que a mulher é sua auxiliar, sua ajudadora. Explicações desse tipo legitimam um pensamento conservador que converte diferenças físicas em desigualdades.

Para Butler (2003), a produção e a difusão desse discurso binário têm como fim

último a manutenção do poder, isto é, visa reforçar padrões e inviabilizar a possibilidade de superação de modelos hegemônicos. Sob essa ótica, o gênero é condicionado pelo sexo biológico, que determina uma matriz natural pela qual as práticas sociais são concebidas, em torno de “regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar” (Louro, 1997, p. 24).

Butler traz ainda uma importante contribuição ao mostrar que o gênero não é apenas um produto cultural sobre corpos sexuados, mas um mecanismo discursivo pelo qual a própria natureza sexuada é construída socialmente. Tal fato pode ser constatado na atitude do pai do pastor Eduardo Queiroz, ao expô-lo à pornografia para reforçar a heterossexualidade do filho. Se a masculinidade e a heterossexualidade precisam ser ensinadas, estimuladas, desenvolvidas, então, esse é um indicativo de que o ser homem não é um dado natural, mas um processo educativo, fruto de uma construção.

Há que se concordar com Foucault (1988) que a sexualidade se consolida, então, como uma invenção social, na medida em que ela se constitui perante inúmeros discursos sobre o sexo que visam normalizar e regular os sujeitos (Foucault, 1988). O sexo é uma tipificação ideal construída socialmente, que funciona como norma e se impõe mediante práticas regulatórias (Butler, 2002). A necessidade de uma frequente reiteração das normas reguladoras implica afirmar que tal situação é um indício de que os corpos não aderem completamente a essa imposição.

Nesse sentido, instituições sociais como a religião, desempenham um papel preponderante no processo de formação do gênero ao produzir discursos, suscitar comportamentos e instituir modos de ser, estar e agir relacionados ao ser homem e ao ser mulher. Os sujeitos tornam-se alvos do poder disciplinar, que os adapta em *corpos dóceis*. Segundo Foucault (1987, p. 132), um corpo assim denominado é aquele “que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

A construção do corpo como *templo do Espírito Santo* e as interdições a ele relacionadas, sobretudo quanto às práticas de prazer, consistem em um investimento da religião na domesticação dos fiéis, dado que essa é uma condição constantemente reiterada, não pronta e acabada. O discurso oficial trata de legitimar modelos hegemônicos

de gênero, segundo os quais os sujeitos passam a ser vigiados, monitorados, por meio do olhar panóptico institucional, conforme aproximação ou distanciamento do tipo ideal. No entanto, apesar da atuação decisiva das instituições nesse processo, a autonomia dos sujeitos não pode ser ignorada. Recuperando as palavras de Connell, pode-se afirmar que:

Não podemos pensar o ser mulher ou o ser homem como experiências fixadas pela natureza. Mas também não podemos pensá-los apenas como uma imposição externa realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridades. As pessoas constroem a si mesmas como masculinas ou femininas. Reivindicamos um lugar na ordem de gênero – ou respondemos ao lugar que nos é dado – na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana (Connell, 2015, p. 39).

A sutil flexibilização dos papéis masculinos presente na narrativa da liderança em torno da divisão de tarefas domésticas, da participação dos homens na educação dos filhos e da maior sensibilidade no trato com as esposas, pode ser entendida a partir do reconhecimento de que o gênero é um construto histórico e está sujeito a mudanças. A consciência da construção e da reconstrução contínua do gênero demonstra o quanto ele é uma estrutura contraditória (Connell, 1995). Nesse sentido, não importa saber se o gênero está mudando, mas sim em qual direção essa mudança acontece (Connell, 2015).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A construção da masculinidade na esfera religiosa revela complexas interações entre crenças e identidade de gênero, principalmente quando pensada à luz dos direitos humanos. Essa construção, pautada em preceitos bíblicos, estrutura o pensamento social acerca das definições do ser homem e influencia a forma como o gênero é organizado socialmente. Embora os dados tenham mostrado uma preocupação das lideranças evangélicas em encorajar o desenvolvimento de valores como o senso de responsabilidade, provisão, cuidado e educação dos filhos, a concepção engessada de uma masculinidade hegemônica mina a pluralidade de experiências, e restringe o desenvolvimento de identidades masculinas que levem em consideração os direitos e as liberdades individuais.

O discurso oficial analisado legitima um modelo de masculinidade enquadrado na

família tradicional, na heterossexualidade, na paternidade, no domínio do núcleo parental. Diametralmente oposto, observou-se uma desvalorização do feminino ao definir a mulher como secundária, auxiliar e pertencente aos núcleos de reprodução e cuidado. De igual modo, dissidências sexuais e de gênero seguem estigmatizadas, invisibilizando, inclusive, o reconhecimento de masculinidades que não a padrão.

Embora tenha ocorrido uma maior presença masculina nas famílias populares e os homens tenham assumido características tradicionalmente relacionadas ao gênero feminino, conforme apontado desde a literatura da década de 1990, quase 30 anos depois, pode-se dizer que a influência da fé evangélica sobre as masculinidades ainda se depara com um limite evidente. Além disso, a religião parece atuar como uma barreira que preserva o machismo estrutural, permitindo que as relações de poder entre os gêneros sejam questionadas apenas dentro de um alcance previamente delimitado e controlado.

Abordar o gênero em interface com a religião, num contexto social de conservadorismo político e moral, significa colocar-se na posição de quem busca compreender como esses discursos estão sendo produzidos e de que forma são postos em prática. Isso favorece uma reflexão que possibilita o questionamento das estruturas dominantes no que tange à configuração das relações sociais nos espaços religiosos. Problematiza ainda as normas de conduta que determinam os padrões de masculinidade e, principalmente, a forma como os sujeitos de fé criam novos modos de fazerem-se enquanto homens.

## REFERÊNCIAS

AYRES, Leah. Thematic coding and analysis. *In*: GIVEN, Lisa. **The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods**. Sage Publications: Los Angeles, 2008, pp. 868-869.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Raewyn. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**. [S. l.], 20(2): pp. 185-206, jul/dez, 1995.

COUTO, Márcia Thereza. Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos. **Revista Antropológicas**, 13, n. 1, p. 15-34, 2002.

DAWLEY, William; THORNTON, Brendan Jamal. Introduction: New Directions in the Anthropology of Religion and Gender: Faith and Emergent Masculinities. **Anthropological Quarterly**, v. 91, n. 1, p. 5-23, 2018.

ECCO, Clóvis. A função da religião na construção social da masculinidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**. XIV(1): 93-97, jan/jun, 2008.

FERREIRA, Cristiano Lucas; RÊSES, Erlando da Silva. Dia do orgulho heterossexual: a reação conservadora à visibilidade de pessoas LGBTQIA+. **Cadernos Pagu**, n. 69, pp. 1-15, 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GING, Debbie. Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. **Men and masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2017.

LAURETIS, Teresa de. **Technologies of gender: essays on theory, film and fiction**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

LEMOS, Fernanda. A representação social da masculinidade na religiosidade contemporânea. **Revista Netmal**, São Bernardo do Campo: UMESP, 2008.

LEMOS, Fernanda. “Se deus é homem, o demônio é [a] mulher!”: a influência da religião na construção e manutenção social das representações de gênero. **Revista Ártemis**. [S. l.], vol. 06, pp. 114-124, jun., 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAFRA, Clara. Gênero e estilo eclesiástico entre os evangélicos. *In*: FERNANDES, Rubem Cesar *et.al* (Ed.). **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, p. 224-250, 1998.

MARIZ, Cecília.; MACHADO, Maria das Dores. Pentecostalismo e a redefinição do feminino. **Religião e sociedade**, 17, n. 1-2, p. 140-159, 1996.

ROSAS, Nina. Religião, mídia e política: o ativismo antigênero de André Valadão e uma gramática em disputa. **Ciencias Sociales y Religión**, Campinas, v.26, e024013, abr./ago., 2024, pp.01-35.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Vol. 20 (2), jul/dez., 1995, pp. 71-99.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. **Masculinismo**: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2023.

SILVA, Rodrigo Augusto TM Leal da. Neoliberalismo, conservadorismo religioso e opressões de gênero e sexualidade no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, n. 1, p. 244-262, 2023.

## **ABSTRACT:**

This study aims to understand the relationship between evangelical religion and the construction of gender based on the production and dissemination of discourses on masculinity. Focusing on the Lagoinha Church, data collection and analysis were conducted through participant observation and research in secondary sources. In this way, we analyze how the official discourse elaborates and institutionalizes definitions of being a man. Although the data showed that evangelical leaders are concerned with encouraging the development of values such as a sense of responsibility, provision, care, and education of children, the rigid conception of a hegemonic masculinity undermines the plurality of experiences and restricts the development of masculine identities that take into account individual rights and freedoms.

**Keywords:** Evangelical religion; Discourse; Gender; Masculinity; Lagoinha.

Recebido em 31/10/2024

Aprovado para publicação em 25/11/2024